

PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA DESENVOLVIDAS POR UMA DOCENTE PARTICIPANTE DO CURSO DE FORMAÇÃO DO PNAIC EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria da Conceição Lira da Silva¹

Eixo temático : 4 Alfabetização e infância

Resumo:

Este artigo analisa práticas de leitura literária desenvolvidas por uma professora de Educação Infantil que participou da formação continuada do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). A pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como campo empírico um Centro Municipal de Educação Infantil. Os procedimentos metodológicos adotados consistiram em observações, entrevistas e análise exploratória do acervo abordado no curso. O tratamento dos dados, que se apoiou na análise temática de conteúdo, revelou que a docente contemplava práticas de letramento. Percebe-se a mobilização de alguns elementos da formação do PNAIC, como o investimento na leitura literária.

Palavras-chaves: Formação PNAIC-EI, Educação Infantil, Leitura Literária.

Introdução

A pesquisa apresentada parte de uma pesquisa maior que teve como objetivo geral analisar práticas de ensino de leitura e de escrita desenvolvidas por professores de Educação Infantil que participaram da formação continuada no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

O curso PNAIC-Educação Infantil em Pernambuco ocorreu no período de 2017-2018 e foi organizado pelo Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL/UFPE). O material trabalhado nos encontros formativos foram os cadernos 03, 05, 06 e 07 da coleção “Leitura e Escrita na Educação Infantil”, acrescidos de outros acervos, como artigos, vídeos e jogos de linguagens, que buscaram contemplar as três facetas descritas por Soares (2017): a linguística, a interativa e a sociocultural.

A pesquisa apresentada assume uma abordagem qualitativa, e o campo de pesquisa eleito foi um Centro Municipal de Educação Infantil (Cemei) da rede de ensino de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco (PE). Neste trabalho, elegemos os dados de uma das docentes

¹Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal do Jaboatão dos Guararapes-PE. E-mail cecalirases@gmail.com.

integrantes do estudo e analisamos as suas práticas de leitura literária, a fim de caracterizarmos tais práticas ao término da formação continuada do PNAIC-EI, na perspectiva de perceber possíveis relações com essa formação.

A participante do estudo foi selecionada por meio de alguns critérios: ser professora efetiva da referida rede de ensino e ter participado de todos os encontros formativos do PNAIC-EI. A turma observada foi o Infantil 4 e funcionava no turno da tarde, tendo 18 crianças matriculadas, embora o número máximo observado nos dez dias de observações tenha sido de 15.

Os instrumentos de produção de dados foram a aplicação de questionário, a análise exploratória dos materiais usados no curso de formação, a observação participante e entrevistas, durante e ao término das observações. Os dados gerados a partir desses procedimentos foram tratados por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Nas seções seguir, discutimos o marco teórico, seguido dos resultados e discussões, e finalizamos com as conclusões do estudo.

2 Fundamentação teórica

A Leitura Literária na Educação Infantil

Um livro é um objeto da cultura, e a cultura é feita de sentidos, crenças e valores partilhados por um grupo. Alguns sentidos podem ser percebidos enquanto se escuta uma leitura, outros demandam diversas interações. Não é à toa que as crianças elegem histórias para pedir: “Conta outra vez!” (PIMENTEL, 2016, p.72).

A epígrafe que abre esta seção foi retirada do texto de Pimentel (2016), trabalhado durante a formação do PNAIC-EI. A citação nos chama atenção para o livro, um objeto que se insere na cultura de um grupo a partir do sentido que lhe é atribuído. Pensando nesse objeto de cultura “livro” e nas desigualdades na sociedade brasileira, interrogamo-nos: todas as crianças tem acesso a esse bem cultural?

Segundo Teberosky e Colomer (2003, p.17) “em determinadas famílias, as crianças interagem com materiais e com tarefas de leitura e escrita desde muito cedo. E essas interações provavelmente estão relacionadas e influenciam nas aprendizagens posteriores.” Nessa perspectiva, vemos que, em determinada classe social, as crianças são mais favorecidas em seu cotidiano com práticas de leitura e de escrita, o que traz contribuições no seu processo de inserção escolar. Pensado nas crianças da rede pública e da falta de acesso a esse bem cultural em seu cotidiano, concebemos que a literatura deve permear as turmas da Educação Infantil.

Nesta direção, Soares (2009,s/p) ressalta que,

A leitura frequente de histórias para crianças é, sem dúvida, a principal e indispensável atividade de letramento na educação infantil. Se adequadamente desenvolvida, essa atividade conduz a criança, desde muito pequena, a conhecimentos e habilidades fundamentais para a sua plena inserção no mundo da escrita.

Diante disso, concebemos que a leitura literária, quando bem planejada, realizada em um ambiente organizado, além de proporcionar a inserção das crianças no mundo da escrita, é uma forma de interação com o mundo da fantasia e da imaginação. Assim, a voz do mediador abre portas para o prazer pela leitura, proporcionando emoções, experiências imaginárias e a ampliação do universo cultural.

Nesse sentido, Colomer (2016) defende que as crianças tenham experiências variadas com a literatura, pois, através dela, amplia-se o diálogo entre a coletividade e as crianças e compartilha-se a cultura. A autora também destaca que precisamos estar atentos a variedade do acervo adequado à idade das crianças, à qualidade do texto e das imagens. A autora sugere tópicos interessantes para a organização da mediação: “criar um ambiente povoado de livros; dar espaço para a voz: narrar, cantar, recitar e ler; dar tempo para olhar, ler e compartilhar; ampliar a leitura para outras atividades; programar o tempo das atividades.”(COLOMER, 2016, p. 109).

Refletimos que se faz necessário um professor mediador que apresente o livro como objeto de cultura de forma prazerosa, sendo um bom modelo de leitor, que planeje situações de leitura, pois “ A mediação de leitura orienta o encontro da criança com o texto, com o livro, ora visando especificamente o desenvolvimento sistemático de estratégias de compreensão e interpretação, ora visando, sobretudo, promover uma interação prazerosa da criança com a leitura” (SOARES, 2020,p.231).

Ressaltamos que o professor, além de promover o encontro da criança com o livro, necessita, no momento da leitura, monitorar a compreensão das crianças sobre o que está sendo lido. Assim, precisa conversar com as crianças sobre as histórias durante a roda de leitura, pois “[...] uma das formas de ensinar a compreensão de textos é conversar sobre eles. (BRANDÃO; ROSA, 2010, p.73). As autoras supracitadas listam cinco categorias de perguntas de compreensão que podem ser exploradas na roda de leitura: perguntas de ativação de conhecimentos prévios, que são feitas antes da leitura, sendo geralmente um convite à leitura; perguntas de previsão sobre o texto, que são feitas antes ou durante a leitura com questionamos às crianças sobre o que será que vai acontecer; perguntas literais ou objetivas, cujas respostas estão explícita nos texto; perguntas inferenciais, que envolvem a compreensão do que não está explícito no texto; e as perguntas subjetivas, que solicitam

opinião.

Finalizamos esta seção enfatizando que muitas vezes as crianças da Educação Infantil, sobretudo da rede pública, só tem o encontro com a literatura quando entram no espaço escolar. Dessa forma, o professor da Educação Infantil é o primeiro mediador que promove o grande encontro da criança com o livro literário, e é ele que também vai ajudando as crianças a compreender o que está sendo lido.

3 Resultados e Discussão

Práticas de leitura literária e mediação docente

Ao observar as práticas de leitura na turma em questão, presenciamos leituras realizada em sala de aula e na pequena biblioteca do CEMEI, onde havia um cronograma semanal de visita ao espaço². Assim, durante o período da pesquisa, acompanhamos a ida da turma duas vezes à biblioteca. Nos dez dias observados, presenciamos quatro situações de leitura, e as histórias lidas pela docente foram: O grande rabanete (acumulativa), Casa do seu coelho (acumulativa), A onça e o Saci e Joaquim, o Pinguim Inventor.

A organização do espaço onde foram desenvolvidas as leituras dialogava com a ação pedagógica desenvolvida, pois o acervo disponível estava exposto na altura das crianças e era adequado a faixa etária, o que favorecia uma melhor aproximação da criança com os livros. Percebemos também que a leitura literária fazia parte do cotidiano da turma, pois, durante o período de observações, ouvimos o “Conta outra vez! muitas vezes. As crianças solicitavam o reconto de algumas histórias e, quando a docente atendia a solicitação, as crianças complementavam trechos das histórias que faziam parte do repertório cultural da turma.

O extrato abaixo apresenta uma cena que ocorreu no espaço da biblioteca após um momento de leitura literária livre. Neste dia, quando as crianças chegaram à biblioteca, a docente solicitou que elas escolhessem um livro para ler. Cada criança pegou um livro e imediatamente começaram a cantar “Toc toc...”. Após a escolha dos livros, ficaram um tempo folheando e lendo os livros escolhidos por elas. Vejamos como a docente conduziu o momento após a leitura livre:

Hora da Leitura na biblioteca

P- Agora vamos arrumar. Coloquem tudo no mesmo lugar que pegaram, vamos escolher uma historinha para tia ler.

C1- Esse!

² Devido ao tamanho do espaço físico da biblioteca, existia um cronograma de agendamento organizado pela supervisora (toda semana as turmas frequentavam a biblioteca).

C2 – Esse!

P - Vamos fazer a votação, levantem a mão.

P- Quem quer este livro levante a mão? E este?

P – Pronto, o escolhido foi o Grande Rabanete.

Cs- Rabanete!

T- TOC TOC TOC. QUEM É? PODE ENTRAR?

TOC TOC TOC. QUEM É? PODE ENTRAR?

É A HISTORINHA QUE ACABA DE CHEGAR.

É A HISTORINHA QUE ACABA DE CHEGAR.

HISTORINHA!

P- O grande Rabanete! É uma das histórias que vocês mais gostam de ouvir. Quem escreveu foi Tatiana Belinky e quem ilustrou foi Claudius.

Ao término da leitura, a docente lançou um questionamento:

P- Depois que chamaram o ratinho, eles conseguiram arrancar o rabanete da terra?

P- Eles conseguiram puxar o rabanete quando o ratinho chegou. Será que o ratinho foi o mais forte?

Cs- Não!

P- Por que não?

C2 - Já tinha um monte de pessoas.

C1– Não foi o rato sozinho não!

C3- O vovô era o mais forte, porque ele é grande!

P - O rato pensou que era ele, porque foi o último chegar, mas você está certo.

Foram todos.

No final da história, a docente cantou junto com as crianças a música abaixo:

Entrou pelo pé do pinto...

Logo após todos foram para a quadra.

(Diário de campo, 13 ago. 2018)

No momento da leitura livre, enquanto as crianças estavam lendo, a docente ficou observando e apresentou-se como bom modelo de leitora, pois também lia e incentivava algumas crianças na escolha dos livros. Segundo Pimentel (2016, p. 70), uma das estratégias “para a formação do leitor é criar situações em que ele possa fazer suas próprias escolhas.” Visualizamos que a docente criou a situação de leitura livre, e as crianças tiveram autonomia para fazer suas escolhas. Durante esse momento, no qual algumas crianças estavam lendo sozinhas e outras em dupla, a professora mostrou-se disponível. Como na biblioteca havia vários exemplares de algumas das histórias, não presenciamos disputa por livros, no entanto, na hora da escolha do livro que seria lido pela docente, as crianças ficaram indecisas entre “Douglas quer um abraço” ou “O grande rabanete”. A docente não fez a escolha pelas crianças, realizou a votação, e as crianças aceitaram com tranquilidade a história que a maioria da turma escolheu.

Na cena que se seguiu, vemos que, antes de iniciar a leitura, a docente apresentou autora e ilustrador, sempre procurando aproximar as crianças dos autores e dos ilustradores das histórias antes das leituras. Quando havia fotos deles, mostrava às crianças, que

apreciavam este momento. Durante a leitura realizada pela docente, ela usou entonação, fez pequenas paradas, lançando perguntas de previsão e, como as crianças já conheciam a história, respondiam rapidamente as questões que eram lançadas. A história era acumulativa, bem ilustrada e apropriada à faixa etária. No final da leitura, a docente lançou a pergunta inferencial que finaliza a história: “Será que o ratinho era o mais forte?”

Durante nossas observações, presenciamos poucas conversas após a leitura, que assumiam um tom aligeirado. Quando a docente lançava questionamentos, não esperava que as crianças levantassem hipóteses, pois, em alguns momentos, respondia por elas. Concebemos a conversa como uma possibilidade de ouvir as crianças sobre aspectos da história que mais gostaram, ajudando-as na compreensão leitora.

O extrato a seguir ilustra a leitura literária sendo realizada na sala de aula. O livro lido foi “A casa do senhor coelho” (a história era acumulativa e de autoria da formadora do PNAIC-EI). Antes de iniciar a leitura, a docente reorganizou o espaço. Conforme Soares (2020, p.232), a preparação para a mediação literária “[...]deve ocorrer em um ambiente que se diferencie tanto quando possível da sala de aula, ainda que ocorra nela mesma com as crianças sentadas em círculo [...]”. Presenciamos isso na turma, pois, mesmo quando a leitura era em sala, havia uma preparação para esse momento. A docente convidava as crianças para um cantinho da sala de aula, elas se sentaram no chão e a docente em uma cadeirinha. Logo depois, começaram a cantar a música, como de costume: “toc toc...”, que era uma espécie de comando para entrar no universo literário.

TOC TOC TOC. QUEM É? PODE ENTRAR? (...)

P - O título é: A casa do Senhor Coelho!

P - Sabem quem escreveu esta historinha?

P - Foi Drica Shinohara.

P - Deixa eu ver se vejo uma foto dela.

P - Olhem aqui a foto dela, ela parece uma princesa! Está usando uma coroa, e ela fez esta história e Tiologan foi quem fez os desenhos!

P - Como será esta história? A casa do Senhor Coelho? Olhem a casinha dele.

P - Tam tam tam, vamos escutar a historinha!

Durante a história tinha uma música que se repetia, e, depois que aprenderam a música, as crianças começaram a cantar junto com a docente.

T - CRI CRI ESTOU NA MINHA CASA

- CRI CRI NÃO QUERO MAIS SAIR....

- CRI CRI ESTOU NA MINHA CASA

- NINGUÉM ME TIRA DAQUI!

P - E agora, quem será que está dentro da casa do senhor coelho? O que o coelho fez? Será que ele entrou? O que vocês acham?

C1 - Ele correu, tia! (disse uma criança)

P - Será?

A docente continuou a leitura.

C2 - Cadê, tia? (crianças querendo ver mais de perto a ilustração)

A docente aproximava o livro da criança que queria ver a ilustração, depois continuou a leitura, e em alguns trechos elas interagiam repetindo os nomes dos bichos que estavam com medo.

P - Quem estava morrendo de medo?

C3- O cachorro, o boi e o senhor coelho!

Cada vez que aparecia mais um animal, a docente questionava que bicho era, e eles respondiam. A docente continuou a leitura e, quando estava perto do final da história, ela questionou:

P - O que será que os bichos fizeram? Qual foi a solução? O que vocês acham?

C2 - Ficaram felizes!

Algumas crianças não deram resposta, ficaram querendo ver as ilustrações. A docente concluiu a leitura e no final questionou:

P - Quem gostou da história?

Cs - Eu!

Logo após todos cantaram:

T- ENTROU PELO PÉ DO PINTO (...)

(Diário de campo dia 15 ago. 2018)

A análise do extrato mostra que a docente explorou algumas estratégias de leitura. Antes da leitura, fez perguntas de previsão, lançando o questionamento: “Como será esta história?”, explorou a capa do livro e apresentou as ilustrações. Durante a leitura, a docente foi envolvendo as crianças, lendo com entonação, usando gestos. Realizou perguntas de previsão antes e durante a leitura, pois questionava “o que será que os bichos fizeram?” Através desta estratégia, monitorava a compreensão das crianças. Ao finalizar a leitura, elas foram convidadas a mudarem o ambiente da sala para iniciar uma nova atividade, não havendo conversa sobre a história.

4 Considerações Finais

A análise dos dados evidenciou que a docente tinha uma rotina estruturada e bem diversificada, havendo uma ênfase nas leituras literárias. Visualizamos, também, algumas práticas contempladas no curso do PNAIC-EI, pois foram realizadas leituras de histórias e contação de história, uma possível repercussão da atuação da formadora, que era contadora de história. O depoimento da professora evidenciou que o curso do PNAIC-EI foi significativo e o que mais chamou sua atenção durante o curso foi o encontro que tratou sobre os livros de literatura.

Acreditamos que a ausência de conversas planejadas após a leitura se deve à falta de investimento no processo formativo dos docentes, à importância da compreensão leitura nesta etapa de ensino e ao pressuposto compartilhado por muitos de que não é necessário ensinar a compreensão leitora. Para concluirmos, enfatizamos a relevância do papel do

professor e das ajudas que podem ser oferecidas às crianças para que possam compreender melhor os textos lidos na roda de histórias desde a Educação Infantil.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

_____, Ministério da educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: <http://pacto.mec.gov.br/documento-orientador>. Acesso em 11/03/2018.

BRASIL. **Criança como leitoras e autoras**/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.- 1.ed.-Brasília: MEC/SEB, 2016.(Coleção leitura e escrita na educação infantil; v 5.)

_____. **Livros infantis: acervos, espaços e mediações**/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed.-Brasília: MEC/SEB, 2016.(Coleção leitura e escrita na educação infantil;v7.)

BRANDÃO, A. C.; ROSA, E. C. S. **A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende**. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Literatura e formação de leitores do ensino fundamental*. Coleção Explorando o ensino. MEC, SEB, no prelo 2010.

SOARES, M. Alfabetização e letramento na educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil** - Ano VII - Nº 20 - Oralidade, alfabetização e letramento - Jul/Out, 2009.

_____. **Alfabetização: a questão dos métodos** /1.ed1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. – São Paulo: Contexto, 2020.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.